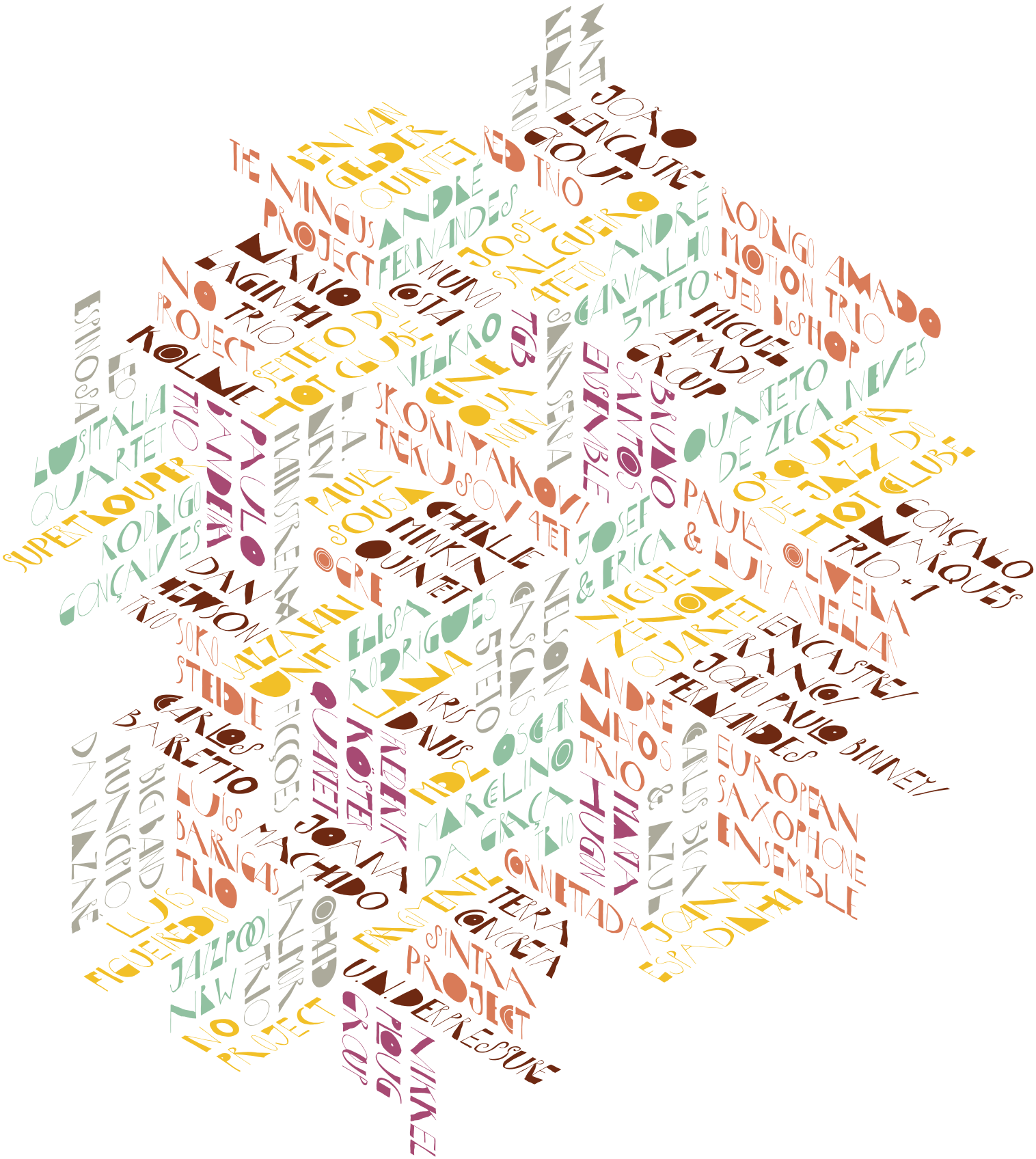


HOT news 7

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL
HOT CLUBE PORTUGAL
FEVEREIRO 2013

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO (NOVO) HOT CLUBE

O HOT APÓS ABRIL

HOMENAGEM A AUGUSTO MAYER, IVO MAYER E JOÃO TELHADO

JAZZ EM PORTUGAL: OS LEGADOS DE LUIZ VILLAS-BOAS E DO HCP

ENTREVISTA A LUÍS CUNHA

22.º ENCONTRO IASJ

NEWPARK MUSIC CENTRE

agenda jazz novas

DOMINGOS
JAM SESSION NO CAFÉ TATI
>17H ÀS 20H
ENTRADA LIVRE

JAM SESSION NO BACALHOEIRO
>22H ÀS 02H
ENTRADA LIVRE

TERÇAS-FEIRAS
JAM SESSION NO HOT CLUBE
>A PARTIR DAS 22H

QUARTAS-FEIRAS
JAM SESSION NO HOT CLUBE
>A PARTIR DAS 22H30
com músicos convidados:
DESIDÉRIO LÁZARO
(Fevereiro)
JOÃO HASSELBERG
(Março)

CONCERTOS NO CAFÉ TATI
>A PARTIR DAS 22H
ENTRADA LIVRE

QUINTAS-FEIRAS
CONCERTOS NO HOT CLUBE
>22H ÀS 2H

CONCERTOS NO ONDA-JAZZ

SEXTAS-FEIRAS
JAM SESSION NA ESCOLA LUIZ VILLAS-BOAS
>17H ÀS 20H
Alunos e professores do HCP
ENTRADA LIVRE

CONCERTOS NO HOT CLUBE
>22H ÀS 2H

CONCERTOS NO ONDA-JAZZ

SÁBADOS
CONCERTOS NO HOT CLUBE
>22H ÀS 2H

CONCERTOS NO ONDA-JAZZ

CONCERTOS HCP EM PARCERIA COM ANTENA 2
COM TRANSMISSÃO EM DIRECTO PELA ANTENA 2

6 FEV
JOANA MACHADO "BLAME IT ON MY YOUTH"
FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES, 19H

20 MAR
AUDITÓRIO LICEU CAMÕES, 19H

10 ABR
FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES, 19H

22 MAI
LUÍS CUNHA
AUDITÓRIO LICEU CAMÕES, 19H

5 JUN
FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES, 19H

CONCERTOS DE JAZZ NO CCB
>21H

8 FEV
GRIP 5
RICARDO A. FREITAS
Gonçalo Prazeres
Francisco Andrade
Ricardo Barriga
Ricardo A. Freitas
João Lencastre

14 FEV
BOBO STENSON TRIO
Bobo Stenson
Anders Jormin
Jon Fält

22 FEV
MÁRIO LAGINHA TRIO
Mário Laginha
Bernardo Moreira
Alexandre Frazão

8 MAR
OGRE
Maria João
João Farinha
Júlio Resende
Joel Silva
André Nascimento

edit

IF I WERE A BELL I WOULD BE RINGING…

2012 é um ano que o Hot tem de comemorar. Desculpem a falta de modéstia, mas apesar das crises, da falta de verbas e do abandono a que o nosso país entregou a Cultura, o que o Hot conseguiu é de se comemorar. E os sócios do Hot, novos ou antigos, alunos ou não, músicos ou simplesmente amantes da música, estão de Parabéns.

Foi um ano em que no Clube aconteceram perto de cem concertos, seis conferências e três exposições. Foi o ano em que a Orquestra do Hot renasceu para uma nova vida. Foi o ano em que os sócios deixaram de pagar bilhete no Clube, e em que a escola registou mais alunos, desde sempre.

Este é o presente que recebemos.
E deixa-nos com confiança para este novo 2013.

Esta direcção foi reeleita a 30 de Novembro. A falta de comparência de sócios à Assembleia Geral deixa-me alguma tristeza. É urgente uma epidemia de entusiasmo, empenho e esperança.
Bom 2013!

Inês Cunha

índice

4
O HOT APÓS ABRIL
CONTRIBUTO PARA A HISTORIOGRAFIA DO HCP

8
QUE O JAZZ ESTEJA CONVOSCO
HOMENAGEM A AUGUSTO MAYER, IVO MAYER E JOÃO TELHADO

10
JAZZ EM PORTUGAL: OS LEGADOS DE LUIZ VILLAS-BOAS E DO HOT CLUBE DE PORTUGAL
NÚCLEO MUSEOLÓGICO DO HCP

11
2013, UM BOM ANO POR AQUI
ESCOLA DE JAZZ

12
ENTREVISTA A LUÍS CUNHA
ORQUESTRA DE JAZZ DO HCP

14
22.º ENCONTRO IASJ
INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

14
NEWPARK MUSIC CENTRE
ESTUDAR EM DUBLIN

15
(DES)CONSTRUINDO SOLOS

16
CONCERTO POR INSTRUMENTO
CRÓNICA

17
O ATELIER DE INICIAÇÃO AO JAZZ DA ESCOLA DO HCP

18
OIÇAM LÁ ISTO

19
POST-IT
MEMÓRIAS DO HCP

HOT news 7

FEVEREIRO
2013

Direcção
Inês Cunha

Colaboram neste número
Inês Cunha
Bruno Santos
Francisco J. Almeida
Paulo Gil
Pedro Roxo
Miguel Lourenço
Luís Cunha
Filipa Quintino
Oscar Graça
Vicente Valentim
Gonçalo Marques

e-mail
nmrgoncalves@gmail.com

Design gráfico e paginação
© HOTdog

Revisão
Marta Olias

Capa
Ilustração tipográfica de João Neves (a partir da listagem de todos os músicos que deram concertos em 2012, no Hot Clube)

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

HOT CLUBE DE PORTUGAL
Bernardo Moreira
Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Inês Cunha
Presidente do Conselho Directivo
José Sousa Soares
Presidente do Conselho Fiscal

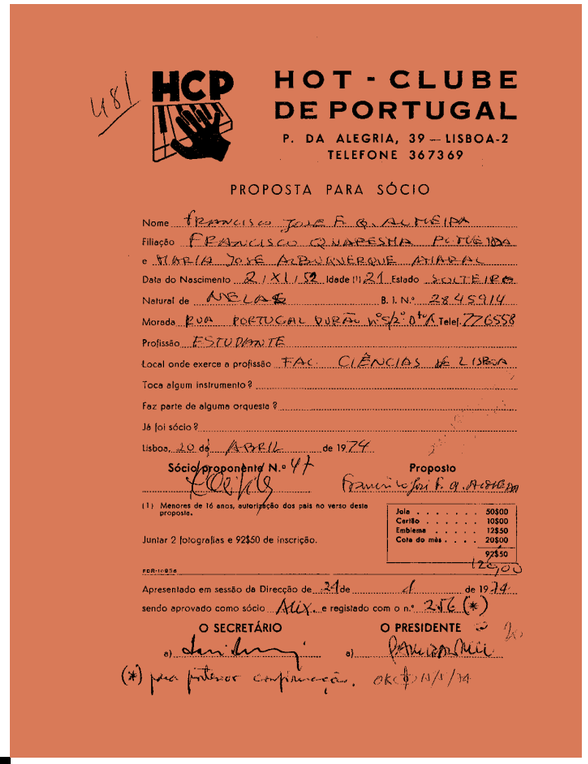
SEDE
Praça da Alegria, 48
1250-004 Lisboa
TEL 213 460 305

ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS
Bruno Santos
Director pedagógico

MORADA
Travessa da Galé, n.º 36, 1.º andar
1300-263 Lisboa
TEL 213 619 740
FAX 213 619 748

HotNews é o boletim informativo oficial do **Hot Clube Portugal**
www.hotclubedeportugal.org
hcp@hotclubedeportugal.org
www.**facebook**.com/hotclubedeportugal

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ


481

HCP

HOT - CLUBE DE PORTUGAL

P. DA ALEGRIA, 39 — LISBOA-2
TELEFONE 367369

PROPOSTA PARA SÓCIO

Nome FRANCISCO JOSÉ F. Q. ALMEIDA
Filiação FRANCISCO Q. NAPESHA PEREIRA
e MARIA JOSÉ ALBUQUERQUE ATAIDE
Data do Nascimento 2/XI/52 Idade (1) 21 Estado SOLTEIRO
Natural de NELAS B. I. N.º 2845914
Morada RUA PORTUGAL DURÃO N.ºS 1º DTº Telef. 776558
Profissão ESTUDANTE
Local onde exerce a profissão FAC. CIÊNCIAS DE LISBOA
Toca algum instrumento?
Faz parte de alguma orquesta?
Já foi sócio?
Lisboa, 20 de ABRIL de 1974

Sócio proponente N.º 47 — Proposto

(1) Menores de 16 anos, autorização dos pais no verso deste proposta.

Juntar 2 fotografias e 92$50 de inscrição.

Jóia	50$00
Cartão	10$00
Emblema	12$50
Cota do mês	20$00
	92$50
	126$00

FORMATURA

Apresentado em sessão da Direcção de 24 de 4 de 1974
sendo aprovado como sócio ALX. e registado com o n.º 256 (*)

O SECRETÁRIO — O PRESIDENTE

(*) para posterior confirmação. OK 11/1/74

O HOT APÓS ABRIL

CONTRIBUTO PARA A HISTORIOGRAFIA DO HCP

por **Francisco J. Almeida**
(vogal nas direcções de 1975 a 1977)

A 20 DE ABRIL DE 1974, ENTREGUEI A MINHA proposta para sócio do HCP. Ouvia-se Charlie Mariano[1]. Nesse final da ditadura colonial/corporativa, alguns "agitadores" procuravam alterar o panorama jazzístico e cultural de uma nação cinzenta. Já tínhamos direito a alguns concertos, programas de rádio e o HCP procurava abrir portas e cumprir a sua função de divulgação da GBM/GMN (Great Black Music/ Grande Música Negra — era assim que por vezes falávamos do jazz, realçando a componente político-cultural da música que gostávamos de ouvir). Segundo me contam, fui aprovado como sócio n.º 256 na noite de 24 para 25 de Abril. Passei a frequentar regularmente o clube e, no ano seguinte, passei a integrar a direcção. Alguns de nós tinham já a experiência do que deveria ser um *jazz-club*. Eu nem por isso. Mas todos queríamos ver o espaço do HCP, local de reunião e alguns concertos, transformado num clube de jazz, um espaço aberto regularmente com música (jazz) ao vivo. Partimos de uma boa posição: um historial fecundo, sócios fiéis e dedicados. E os ventos da época eram favoráveis. Fiquei com a tarefa, entre outras, de tentar manter o clube aberto, atraindo sócios, músicos e quem gostasse de jazz. As principais linhas de força foram:

— manter o clube aberto ao público, estoicamente, se necessário;
— fornecer todos os meios ao nosso alcance para a formação dos músicos (e pretendentes a músico) daqui;
— continuar a apresentar músicos estrangeiros (o que já vinha de anteriores direcções);
— continuar a divulgar o jazz como nos fosse possível (imprensa, rádio, televisão).

Quando o conheci, o Hot Clube ocupava já o número 39 da Praça da Alegria, uma cave muito semelhante à actual, um pouco menor. O frigorífico estava moribundo e as grades de cerveja e o gira-discos ficavam no ponto oposto da pequena sala. Quando havia música ao vivo, enchente assegurada, adeus conforto ou bebidas frescas. No entanto, nunca vi no desconforto um óbice ou inconveniência. Assim era seguro que vinham pela música. Ouvíamos discos, conversávamos e construíamos amizades. Como hoje. Os discos eram poucos, sempre os mesmos, mas sentíamos o mundo a abrir e víamos o jazz como parte central daquilo que nos unia. Seria o carácter urbano do jazz, seria a importância das emoções e sensações (*alma tuga*), seria já o resultado do trabalho de divulgação dos homens-do-jazz de então? Certo é que nunca para nós o jazz foi uma música marginal vinda de longe. Era (é) a nossa música, daqui. Mas o panorama era pobre, se os discos (ainda *vinyl*) se multiplicavam, a música ao vivo era escassa. Depois de algum tempo de música gravada, passámos a ter sessões de música ao vivo. No início era o Araripa[2], e durante algum tempo assim foi. Sempre que podiam, tocavam no Hot. Chegámos a distanciar sessões para evitar a saturação do público. Mais tarde chegou o Rão[3], depois o Plexus[4] e a seguir o Quasar[5]. Já tínhamos de organizar escalas. Os grupos iam-se formando, os músicos surgindo e aprendendo. E as importantíssimas *jam sessions*! Enquanto houvesse um músico disposto a ocupar o palco, o clube mantinha-se aberto. Era uma regra não escrita e por vezes não respeitada, quando o cansaço já era muito. Relaxámos também os critérios musicais (também não tínhamos modo de construir qualquer critério, também estávamos a aprender). No fundo sabíamos que o jazz, *c'est comme les bananes, ça se consomme sur place*. Sem músicos, o HCP só marginalmente poderia cumprir com o seu objectivo de divulgação, seguiria o mesmo caminho doutros clubes europeus similares, a quase extinção. Os músicos foram-se formando, os grupos aparecendo, até ao momento em que já apresentávamos música ao vivo todos os fins-de-semana. E havia o público, que vinha pela música, pelo ambiente, pelos amigos. Sempre me agradou a diversidade da casa. Sócios de sempre, gente nova atraída e trazida, artistas doutras artes, jornalistas (ainda não havia *bloggers*), turistas, aves nocturnas, *you name it*. Nós éramos o HCP e o HCP era (é) parte integrante daquilo que somos, uma simbiose que nos surpreende e depois nos aconchega. O Hot é, seguramente, importante parte da vida de todos nós. Mas para além do clube, havia a cidade e o país. Já havia um historial de concertos de jazz, nomeadamente o importantíssimo Cascais Jazz (obrigado, Villas). Mas os promotores tinham mudado. Antes eram as marcas, agora as instituições. Apoios da Junta de Turismo da Costa do Sol, do Instituto Alemão, do Casino da Figueira, entre outros, permitiram-nos apresentar músicos desta e doutras terras. Recordo o Tete Montoliu e o Gunter Hampel (lembrem- -me dos que faltem). Mas há talvez um evento que julgo que marcou: o Festival de Jazz da Figueira da Foz, promovido pela Câmara Municipal e pelo Casino.

Foi um *flop*. No público, alguns amigos e pessoal das bandas. Uma equipa de televisão do Porto ainda veio filmar, mas creio que nunca apresentaram imagens. Mas foi neste festival que se deu o encontro entre os músicos do Porto e Lisboa. Amizades frutuosas e que se prolongaram. Decorria o Verão Quente de 75. Eu, longe da temperatura política, passava uns dias em Buarcos. Já não sei como começou, mas um dia encontrei-me numa reunião no Casino a programar um Festival de Jazz (não se fazia por menos). Já tínhamos três grupos formados em Lisboa (Araripa, Rão- -Bagabaga, Quasar) e eu tinha tido um encontro surpreendente no Hot, uns tempos antes, que me permitiu avançar com um grupo do Porto (Zanarp[6]). Um festival ambivalente: *flop*/marcante.

O grande contributo para a formação dos músicos foi sem dúvida o espaço aberto. Tinham local para tocar, trocar ideias e por vezes ensaiar. Mas era curto. Nos meus últimos tempos na direcção já se

[1] Jean-François Jenny-Clark, Philip Catherine, Aldo Romano

[2] José Eduardo, contrabaixo; Emílio Robalo, piano; João Heitor, bateria; Rui Cardoso, saxofones (formação inicial); Paul Stocker, saxofones (segunda formação)

[3] Rodeado de conjunto de músicos africanos, o grupo Baga-Baga

[4] Carlos Zíngaro, Celso de Carvalho, Paulo Gil, Chico Trindade e Rui Neves. A formação variou, esta foi a que passou pelo Hot nessa altura

[5] Recordo apenas o nome de Péricles Duarte

[6] António Pinho, Zé Nogueira, Artur Guedes, Pedro Cavaco

O Hot que conheci era um lugar escuro, um caveau existencialista. Tudo bem, o som era bom. Mas já não tinha muito a ver com a nossa maneira de estar. O João Paulo Bessa e Dario Romani, arquitectos, lançaram-se à obra. Passados uns tempos, o clube reabriu com um novo visual: branco, claro.

Quando alguns anos após o big-bang surgiu a Internet, achámos que o Hot deveria ter um website. Lá se construiu um website. E foi um espanto olhar para os logs. Um inesperado número de acessos, de todo o mundo.

Há assim tantos amantes do jazz e tanta gente no mundo interessada no HCP?

desenhava uma Escola de Jazz, projecto impulsionado pelo Zé Eduardo e construído pelo Hot em direcções posteriores à minha (Rui Martins). Também publicámos uma revista. Três números? Mais? Não me recordo. Mas recordo uma extensa entrevista com o Rui Cardoso ou um texto do Jorge Lima Barreto. Impressão básica, tipo fanzine, distribuição casual e limitada. Os meus exemplares, há muito que lhes perdi o rasto.
Depois de dois anos na direcção, com um ano de interregno, parti para as terras da *kora* e do *balafon*. O Hot começava uma nova vida. O que brotara tinha de ser agora estruturado. O meu tempo já era.

Algumas estórias

Anthony Braxton Recorrente. A sessão tinha sido "dura". Casa cheia, boa música. Nos intervalos saía-se para o pátio, de conversa. Enquanto íamos mantendo o regular fluxo de bebidas, olhávamos para os músicos em conversa, tentando avaliar a *jam session* que inevitavelmente se seguiria. Quando tudo terminava, havia que lidar com os retardatários. Não tínhamos luz néon para os assustar mas tínhamos um disco a solo do Anthony Braxton que fazia o mesmo efeito. Corríamos com eles, fechávamos a porta, e ficávamos inertes de cansaço. Aprendemos a apreciá-lo. *For Alto*, já o procurei no iTunes, sem sucesso.

Festival da Figueira Para mim, na altura, jazz no Norte era Jorge Lima Barreto. E via-o mais como crítico que como músico (só posteriormente escutei a sua música). Mas um dia em que estava no Hot, a prepará-lo para o fim-de-semana, tocaram à campainha. Era um desconhecido, vinha do Porto e estava por uns dias em Lisboa. Não o ia pôr fora. Entrou, sentou-se ao piano e foi tocando enquanto conversávamos. Foi por ele (Zé Martins) que fiquei a saber da cena jazzística do Porto.

A Caixa das Fichas À saída para o pátio, à esquerda, havia um armário de parede. Nunca o tinha aberto. Um dia de arrumações resolvi abrir e limpar o armário. Logo me saltaram à vista umas caixas com fichas de antigos sócios. Por ali fiquei vendo as fichas, os nomes, as datas. Comparando-os com os nomes de políticos da altura, concluí que controlávamos o país! Fiquei descansado. E continuei as arrumações.

Um Festival em Viseu Não me lembro ao certo de como tudo começou, creio que nos terão escrito da Câmara. O Hot sempre foi a entidade a recorrer quando se tratava de divulgar o jazz. Os assuntos formais eram usualmente tratados com os outros membros da direcção, mais velhos, mais sérios (pois, não os conheciam!). Eu fazia o resto, arranjava-me com os músicos, verificava se a sala tinha o necessário, organizava transportes e fazia de *roadie*. Foram vários grupos, do Porto e de Lisboa. Eu segui numa carrinha que tínhamos alugado, com o Plexus e o grupo do Rão Kyao. Encontrámo-nos à porta do Hot, enchemos a carrinha e toca a andar para Viseu. Pensávamos nós. O Pantera, percussionista do grupo do Rão, começou com aquela conversa meiga e distraída e acabou por nos levar a visitar toda a Lisboa para recolher os seus instrumentos. Mas tanta casa tinha o homem! A carrinha já parecia um ferro-velho. Até um escarrador entrou. Mas tinha bom som, afiançou o Pantera.
Pensei que poderíamos recuperar o tempo perdido assim que chegássemos à estrada. Mentira, era uma carrinha de infantário cujo condutor desconhecia o que era o acelerador. Deixámos andar, não fosse o homem criar maus hábitos. Uma viagem longa e divertida. Lá, durante o concerto, fiquei a saber que se deve perguntar a temperatura e, se necessário, pedir aquecedores. O Pavilhão era largo e gelado, os músicos tocaram de sobretudo.

Mudança de Pele O Hot que conheci era um lugar escuro, um *caveau* existencialista. Tudo bem, o som era bom. Mas já não tinha muito a ver com a nossa maneira de estar. O João Paulo Bessa e Dario Romani, arquitectos, lançaram-se à obra. Passados uns tempos, o clube reabriu com um novo visual: branco, claro. Expandiu o lugar, animou os espíritos. As pessoas já não desapareciam contra as paredes escuras, destacavam-se e existiam. O clube nunca foi um local soturno, mas agora ganhava outra luz. É difícil ter obras de apreciação consensual, mas esta foi uma delas.

Um Mistério Ainda hoje se desconhece que artes tinha o Rão para obter a chave do clube. Percebia-se, precisava de um lugar para ensaiar. Mas era um abuso. Por mais de uma vez foi trocada a fechadura.
Que artes teria ele para obter sempre uma cópia da chave?
Um mistério que perdura até hoje.

O Coreto Vinha aí o Dia Internacional da Música. O Hot não podia ficar alheio. Numa das nossas atarefadas reuniões, planeámos uma série de concertos a decorrer no coreto da Praça da Alegria. Só quando saímos do clube é que nos demos conta de que a Praça da Alegria não tinha, nem tem, nenhum coreto (podem verificar).

Ave Nocturna Foi ave que arribou durante uns tempos. Muito educado, bem vestido, bem comportado, etilizado (suponho que directamente no ADN). Chegava e encostava-se ao balcão, ao canto. Por aí ficava. Ouvia, falava com o Pinto Alberto, o *barman,* com outros que fossem arribando para o seu lado. Depois vinha o fecho. Saíam todos, menos ele. Não saía, estava bem ali. Tínhamos de pegar nele e transportá-lo escada acima como se fosse uma cristaleira. Mas era preciso agarrar-lhe os braços. Se os deixávamos livres, agarrava-se ao varão das escadas e já não conseguíamos avançar. Era uma trabalheira desprender-lhe os braços sem o magoar. Até porque ele era muito educado. Só não queria ir embora. Uma vez na rua, ajeitava-se, desejávamos mútuas boas-noites e íamos à nossa vida, nós acabávamos de fechar o clube e ele... nunca soube.

Boxe As antigas instalações do clube tinham um terreiro com muro que dava directamente para o Parque Mayer. Durante uns tempos foi lá montado um ringue onde decorriam combates de boxe. Então tivemos um *intermezzo* nas tarefas de preparação do clube para a noite. Subíamos para o telheiro e víamos alguns passes enquanto fumávamos um cigarro. Acabado o cigarro, íamos abrir o clube.

Hot Site (extra-programa, muito posterior) Quando alguns anos após o big-bang surgiu a Internet, achámos que o Hot deveria ter um *website*. Lá se construiu um *website*. E foi um espanto olhar para os *logs*. Um inesperado número de acessos, de todo o mundo. Há assim tantos amantes do jazz e tanta gente no mundo interessada no HCP? Rapidamente percebemos que não vinham ao *site* do Hot, mas à espera dum *hot-site*.

Alguns Nomes

No Hot fiz muitas amizades. Algumas delas apenas relevantes para mim, outras fazem parte da história do Hot. Refiro alguns dos meus companheiros na direcção do HCP.

José Soares, o Presidente: sempre gostei muito de trabalhar com o Zé Soares. Era o Presidente e ficava-lhe bem o título. Como de regra era o representante do HCP perante os potentados estrangeiros. Reunião no Instituição X sem o nosso Presidente seria inaceitável. A figura central. Bom senso e humor.

Paulo Gil, director: um espírito organizativo, um grande conhecimento do mundo da música. Nos concertos, que tínhamos de organizar, era o Paulo Gil que orientava o meu trabalho.

Dario Romani e **João Paulo Bessa**, directores: os estetas do grupo. É deles o magnífico cartaz do Tete Montoliu e a renovação da cave.

José Duarte, director: uma enorme cultura jazzística, um feitiozinho retorcido. Sempre o adorei e ao seu feitiozinho.

Rui Cardoso, director: mais músico que director. Grande conversador, um humor *non-standard*. O meu momento *zen* era vê-lo a escolher as palhetas.

Rui Martins, director: amigo de longa data, companheiro de direcção. Continuou depois o nosso trabalho.

Pinto Alberto: o meu companheiro no bar. Aguentávamos as noites, sólidos.

Uma palavra final sobre o Villas. Já o sabia grande divulgador do jazz, ia a todos os Cascais Jazz, mas foi ao cruzar-me com ele no Hot que tomei a dimensão humana da figura. Em momentos de crise, contámos com o seu apoio e a sua clarividência. Não foi nosso colega de direcção, mas todos sabíamos que estava presente. E isso foi muito importante.

9 Dezembro, 2012

Foto tirada no pátio do antigo Hot Clube, em 1956 com elementos da Orquestra de Count Basie

—

Count Basie
Luiz Villas-Boas
Augusto Mayer
Ivo Mayer
Paulo Gil

QUE O JAZZ ESTEJA CONVOSCO

HOMENAGEM A AUGUSTO MAYER, IVO MAYER E JOÃO TELHADO

por **Paulo Gil**

(...) E a música improvisada, que nos ligava a todos, permitia que Augusto e Janeca, como ouvintes atentos, apoiassem Ivo Mayer no piano, Binau (esse mesmo, o Engenheiro) no contrabaixo e eu próprio na bateria (instrumento que estudava com Luís Sangareau), em viagens musicais pelos temas de jazz de que gostávamos, muitas vezes interpretando Erroll Garner ou Art Tatum, que Ivo conseguia imitar quase na perfeição (...)

O HOT CLUBE DE PORTUGAL PERDEU, recentemente, três dos seus sócios mais antigos, dois deles fundadores do clube. Refiro-me a **Augusto Mayer** (sócio desde 1950), o seu irmão **Ivo Mayer** (sócio desde 1950) e **João Telhado** (sócio desde 1953). Todos eles grandes amigos de Luiz Villas-Boas, autor e impulsionador do projecto HCP criado no final dos anos 40 com o objectivo de divulgar e permitir fruir o jazz no nosso país. Recordo que Luís sempre contou com o apoio e colaboração destes sócios, ao longo dos difíceis anos após a constituição do clube.

Seria impossível para mim não me recordar do que foi aquela década de 50, cheia de situações bem complicadas mas, ao mesmo tempo, tão gratificantes. Fui frequentador do HCP desde meados de 1954 e tornei-me sócio em Junho de 1955. Curiosamente, o sócio proponente foi Luiz Villas-Boas, Augusto Mayer emitiu e assinou o meu primeiro cartão de sócio (era então Tesoureiro do clube), Ivo Mayer e João Telhado (para os amigos, o Janeca) foram os meus companheiros de inúmeras "loucuras", umas mais musicais do que outras, mas que a minha educação e o respeito por eles me impedem de descrever… Juntamente com Carlos Meneses e José Tavares, também eles antigos sócios, que me levaram pela primeira vez ao HCP na Praça da Alegria, ajudaram a que aqueles tempos se tornassem num dos períodos mais bonitos da minha vida.

Agora que Augusto, Ivo e Janeca faleceram – os primeiros dois com poucas horas de intervalo – entre 21 e 31 de Dezembro de 2012, começo a recordar aspectos da nossa vida nos quais não pensava há décadas. Coisas aliás habituais nos idosos… Augusto Mayer, nos anos 50, guiava um impressionante Hudson, automóvel americano que mais parecia um carro de combate artilhado. O ronronar do seu motor assemelhava-se a uma secção de contrabaixos reforçada por meia dúzia de saxofones barítonos. Isto em linguagem do jazz. Pelo seu lado, Ivo Mayer guiava um DeSoto já velhote, outra relíquia americana que na estrada era considerado só "para adultos com sólida formação moral"… Anos mais tarde, Ivo viria a conduzir, de forma exemplar, um Renault Gordini em provas. Lembro-me de circular naquele bicho a mais de 200 kms. à hora, o que naquela época era mesmo de loucos. Mas antes disto, já eu era companheiro das voltinhas em Lisboa, em Vespas e Lambretas, nas saídas das alunas dos liceus Charles le Pierre e Maria Amália. A coisa era simples: meninas à tarde, mulheres à noite para dar melhor com o jazz…

E a música improvisada, que nos ligava a todos, permitia que Augusto e Janeca, como ouvintes atentos, apoiassem Ivo Mayer no piano, Binau (esse mesmo, o Engenheiro) no contrabaixo e eu próprio na bateria (instrumento que estudava com Luís Sangareau), em viagens musicais pelos temas de jazz de que gostávamos, muitas vezes interpretando Erroll Garner ou Art Tatum, que Ivo conseguia imitar quase na perfeição, quando não nos aventurávamos por Charlie Parker ou Thelonious Monk. O 39 da Praça da Alegria viu-nos crescer e, no meu caso, que era o mais jovem, ganhar maturidade como pessoa e como músico. Foram muitas as noitadas tanto no HCP como na Taverna Sevilhana (no Largo do Regedor). Mas acabámos por nos "internacionalizar" através de concertos em Coimbra e no Porto, para onde ao irmãos Mayer, o João Telhado, o Luís Sangareau e eu éramos convidados.

E nesta singela homenagem, tanto do HCP como minha, aos irmãos Mayer, não podia esquecer a experiência vivida no final de 1983 – manos: está quase a fazer 30 anos – da nossa viagem ao Festival de Jazz de Barcelona, para o concerto dos irmãos Marsalis (o Wynton e o Branford), então uns jovens promissores que acabavam de tocar em Portugal pela primeira vez, no 13.º Cascais Jazz, no Auditório do Colégio Salesianos, no Estoril. No final dessa noite de sábado, 5 de Novembro, decidimos (os Mayer, o Luiz Villas-Boas e eu) avançarmos para o Palau de la Musica, em Barcelona, na semana seguinte. E lá seguiram os carros do Augusto (bom e confortável) e do Luiz (péssimo) pela estrada fora: os manos sempre a discutir o estado das estradas, as bifurcações (*devias ter ido pela direita e não pela esquerda*…), as feiosas que íamos vendo nas localidades espanholas, eles os dois à frente, eu no banco de trás; o Luiz mais a Lena (sócio N.º13, desde o arranque do HCP), umas vezes à nossa frente, outras a quilómetros de distância atrás de nós, com a mala do carro a abarrotar de tangerinas, peras e maçãs, pois na opinião do "pai do jazz" local, a fruta espanhola era uma m…

Meus queridos Augusto, Ivo e Janeca, aqui fica o meu (o nosso) adeus. E que o Jazz esteja convosco.

JAZZ EM PORTUGAL

OS LEGADOS DE LUIZ VILLAS-BOAS E DO HOT CLUBE DE PORTUGAL

por **Pedro Roxo** e **Miguel Lourenço**

NO PASSADO DIA 1 DE DEZEMBRO foi apresentado o projecto de investigação "Jazz em Portugal: Os legados de Luiz Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal", resultante da parceria estabelecida entre o HCP e o Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL).
A apresentação decorreu no Museu da Electricidade de Lisboa, no âmbito das IV jornadas da ARP (Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal), subordinadas ao tema "A pluralidade cultural: repensar a diversidade do património cultural e a sua conservação". Foram abordadas as questões que norteiam o projecto, assim como a estratégia a adoptar para a preservação e o acesso futuro ao acervo do HCP, destacando os suportes audiovisuais e contextualizando as necessidades e os meios à disposição do HCP e do INET-md, bem como algumas considerações sobre a preservação de audiovisuais no panorama português. Uma outra apresentação mais detalhada deste projecto aconteceu no dia 18 de Dezembro, pelas 18 horas, no âmbito da série de colóquios "Música em Contexto", organizados pelo INET-md e pelo Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM) da FCSH-UNL.

Este trabalho de investigação teve início na Primavera de 2012 (*cf. newsletter Hotnews 5*), tendo já começado o processo de digitalização do espólio videográfico de Luiz Villas-Boas, que contempla vários formatos de suportes vídeo, nomeadamente cerca de 2000 cassetes no antigo formato Betamax. As digitalizações efectuadas até ao momento incluem gravações maioritariamente originárias de emissões da RTP das décadas de 1970 e 1980, com especial destaque para o Festival Internacional de Jazz de Cascais, vários concertos avulsos realizados em Portugal com músicos nacionais e estrangeiros, entrevistas a músicos, responsáveis do HCP, críticos e amadores de jazz, programas estrangeiros sobre música popular e jazz, filmes com banda sonora de jazz e *blues*, programas culturais produzidos pela RTP, etc. Foi também iniciado o processo de realização de entrevistas etnográficas a diversos intervenientes históricos do jazz em Portugal, para memória futura e auxílio na identificação de documentos (sobretudo fotografias) do núcleo museológico do HCP.
De modo a albergar a catalogação do vasto espólio de Villas-Boas e as informações recolhidas ao longo do projecto de investigação, está também em construção no INET-md uma base de dados bilingue de campos múltiplos, que irá permitir reunir e relacionar informação detalhada sobre várias tipologias de documentos (gravações áudio e vídeo; documentos gráficos; fotografias; etc.). Esta será uma plataforma fundamental de acesso à informação e investigação futura. Em breve será iniciado o processo de digitalização da documentação escrita e dactilografada de Luiz Villas-Boas e de parte das gravações áudio em discos instantâneos e em fita magnética (acervo que contempla mais de 500 bobinas das décadas de 1950 a 1980).
A pesquisa desenvolvida até ao momento e durante os próximos meses será divulgada em sessões a organizar na Escola Luiz Villas-Boas e num volume a publicar no próximo ano com a chancela do HCP e do INET-md, apesar de alguns dados preliminares terem sido já integrados num artigo (no prelo) e divulgados na cadeira *Jazz em Portugal*, a funcionar desde 2010/2011 no âmbito do curso de licenciatura em Ciências Musicais, na FCSH (no presente ano lectivo oferecida no âmbito do mestrado em Etnomusicologia).

Para finalizar, é com satisfação que anunciamos que, a partir de Janeiro, os interessados (incluindo alunos e sócios do HCP) poderão consultar algumas das principais referências bibliográficas na área dos Jazz Studies adquiridas no âmbito do projecto, nas instalações do INET-md, situadas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Av. de Berna, 26-C, Lisboa).

Augusto Mayer colaborando na identificação de fotografias da sua autoria, pertencentes à colecção do HCP. Abril de 2012.

—

2013, UM BOM ANO POR AQUI

ESCOLA DE JAZZ

por **Bruno Santos**

UM NOVO ANO ARRANCOU NA ESCOLA do HCP e, até ver, tudo corre bem. Temos muitos alunos com idades variadas, muitas *masterclasses*, *jam sessions*, concertos de alunos, o nosso Clube de volta. Enfim, muita coisa a acontecer.

Apesar dos tempos complicados impostos pela austeridade, há muita vida e dinâmica na Escola, e isso dá-nos força e alento para continuar.

Falando de novidades, temos o nosso coro de alunos reactivado, dirigido pelo Luís Cunha e com o patrocínio da empresa de advogados Vieira de Almeida. A estreia está prometida nas instalações da VDA, tal como uma apresentação no Clube em data a anunciar brevemente.

Temos um novo *meeting* da IASJ daqui a uns meses, desta vez na Dinamarca, onde o Hot Clube marcará presença, como tem sido hábito nos últimos anos. Em 2015, cabe-nos a tarefa de receber o *meeting*. Ainda não sabemos bem como, mas até lá resolveremos a coisa.

A nossa ex-aluna, Filipa Quintino, ao abrigo do protocolo com a Newpark Music Centre, em Dublin, está a tirar a licenciatura em jazz. São 2 anos de equivalência reconhecida pela escola irlandesa, o que permite a um aluno do HCP concluir a licenciatura com mais 2 anos na NMC.

Os nossos *Atelier de Iniciação ao Jazz* e *Oficina de Introdução ao Jazz* continuam em força, com muitos alunos e com grande actividade.

A nossa parceria com a Orquestra Geração está garantida para mais um ano, com 5 estágios previstos com professores da Escola Luiz Villas-Boas.

Na Escola do HCP há uma "boa onda" no ar. Há coisas a acontecer, há vontade de alunos e professores em tornar a Escola cada vez melhor. Falo por mim, aqui sinto-me em casa, e acho que posso falar por quase todos os que por aqui andam.

Apesar de tudo, será um bom ano por aqui!

LUÍS CUNHA

por **HCP**

A DIRIGIR A **ORQUESTRA DE JAZZ DO HOT CLUBE DE PORTUGAL**, LUÍS CUNHA — MÚSICO, COMPOSITOR, PROFESSOR E MAESTRO — FALA-NOS DO TRABALHO, DAS ESCOLHAS E DOS MÚSICOS QUE FAZEM PARTE DESTE PROJECTO.

(...) o repertório tradicional não foi de todo "abolido" da orquestra, até porque nos dá imenso prazer fazê-lo. Ao mesmo tempo tem sido óptimo tocar repertório original e actual. Será certamente um desafio diferente a execução deste novo repertório para os músicos que integram outras formações do género, que na sua maioria tocam repertório tradicional. São dois estilos dentro da mesma formação, acho fundamental para uma orquestra de jazz conseguir fazer as duas coisas. (...)

[HCP] Numa altura em que existem diversas Big Bands activas em Portugal, como caracteriza a actual direcção estilística da Orquestra de Jazz do HCP?

Ao longo deste ano a Orquestra de Jazz do HCP tem dado primazia a um repertório original, na sua maioria composto por músicos que fazem parte da orquestra e também algumas obras de jovens compositores portugueses, ideia essa que veio no seguimento do concerto do Festival Prémios Jovens Músicos 2011. Em consequência da sua residência mensal de concertos no clube, a orquestra tem tocado também compositores actuais, como Bob Brookmeyer, Maria Schneider, Kenny Wheeler, Florian Ross, entre outros.

[HCP] Como funciona a escolha de repertório?

De uma maneira geral tem sido essa uma das minhas funções neste projecto, se bem que existem sugestões dos membros da orquestra que são sempre bem-vindas. É um privilégio para mim trabalhar com este elenco de excelentes músicos, alguns deles que, além de tocarem, escrevem com alguma regularidade para esta formação, e assim serão naturalmente conhecedores da arte de composição para orquestra de jazz, logo, terão uma contribuição mais activa na orquestra.

[HCP] Tendo tido a Orquestra de Jazz do Hot um papel fundamental na divulgação do repertório tradicional de Big Band ao longo dos anos, há intenção de prosseguir esta vertente mais tradicional?

Há, sim, o repertório tradicional não foi de todo "abolido" da orquestra, até porque nos dá imenso prazer fazê-lo. Ao mesmo tempo tem sido óptimo tocar repertório original e actual. Será certamente um desafio diferente a execução deste novo repertório para os músicos que integram outras formações do género, que na sua maioria tocam repertório tradicional. São dois estilos dentro da mesma formação, acho fundamental para uma orquestra de jazz conseguir fazer as duas coisas. Aproveito para anunciar que a nossa participação no Estoril Jazz 2013 será feita com um repertório inteiramente tradicional, e mais não posso revelar, a não ser que estamos muito entusiasmados com a ideia.

[HCP] Actualmente, a Orquestra parece apostar num repertório de arranjos originais. Haverá mais encomendas?

Temos apresentado obras de Mário Laginha, Pedro Moreira, Tomás Pimentel, Lars Arens, Johannes Krieger, Claus Nymark. Compositores mais novos, como César Cardoso, António Quintino, André Santos, Iuri Gaspar, Sérgio Rodrigues, Daniel Bernardes e alguns temas/arranjos meus. Além dos nossos músicos/compositores residentes no projecto, que apresentam com alguma regularidade os seus novos trabalhos, estão feitas encomendas a outros compositores que serão reveladas a seu tempo.

[HCP] No primeiro CD gravado pela Orquestra do HCP, havia um impressionante *frontline* de solistas convidados. Há planos para prosseguir com convites semelhantes, ou há preferência numa aposta na orquestra enquanto colectivo?

A possibilidade de contar com solistas convidados está sempre de pé, se bem que até aqui apostámos principalmente no colectivo da orquestra, e acho que esse trabalho tem sido bastante proveitoso. Penso que num futuro breve podemos contar com a colaboração de convidados nos nossos concertos.

[HCP] Como descreveria o papel de maestro de uma orquestra / Big Band, e como recomenda que um músico que se interesse por essa vertente consiga preparar-se para assumir esse cargo?

Na verdade não sei se recomendaria esse "cargo" a um músico… Acho que é bem mais interessante um músico interessar-se por composição, estudar composição e encarar a direcção de um *ensemble* como um complemento/consequência e não como um "cargo". A direcção de uma formação deste tipo dá imenso trabalho logístico de preparação, ao mesmo tempo que também dão muito gozo o trabalho (ensaios) e o resultado final, melhor ainda se estiver a trabalhar numa obra composta pelo próprio. No entanto, é um prazer diferente de tocar, ou seja, um não completa o outro e vice-versa.

[HCP] Tem conciliado uma carreira como trombonista, maestro e pedagogo, mas muita gente não sabe que toca uma série de instrumentos com nível de um profissional (piano, flauta, contrabaixo, etc.). Como organiza o seu tempo?

Será esta a pergunta mais difícil de responder, porque na verdade é muito difícil fazer tudo isso ao mesmo tempo. Não tenho nenhuma fórmula (embora gostasse imenso de ter) para organizar o meu tempo, mas talvez encarar a coisa diariamente, ver o que sobra para aproveitar o tempo ao máximo.

[HCP] É actualmente o ensaiador do recém-formado coro de alunos do Hot Clube. Como tem sido a experiência?

Tem sido fantástica, o coro de alunos do Hot Clube tem funcionado bastante bem, graças à sua composição, de alunos extremamente interessados e dinâmicos. Acho fundamental para qualquer aluno de canto (e não só) de jazz ou erudito passar pela experiência de trabalhar em naipe (coro), trabalhar leitura, afinação, etc. Temos trabalhado repertório bastante variado, que vai desde corais de J. S. Bach até alguns arranjos de *standards* de jazz.

[HCP] Existe, finalmente, uma Big Band Júnior, dedicada aos estudantes mais jovens. Em que medida acha que estas iniciativas poderão ditar o futuro desta Orquestra de Jazz do HCP?

Penso que a missão da BBJ tem sido estimular o gosto pelo jazz entre os mais novos e, desta forma, estará a ser devidamente cumprida. Já existem provas vivas de jovens músicos que daí surgiram e enveredaram pela linguagem do jazz. Acho que será num futuro próximo uma mais-valia não só para a Orquestra de Jazz do HCP, mas também para o enriquecimento do panorama jazzístico do país.

22.º ENCONTRO IASJ

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

por **André Galvão**

NO PASSADO MÊS DE JUNHO fui representar a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas no 22.º encontro IASJ (International Association of Schools of Jazz) em Graz, Áustria. Foi uma semana única e muito enriquecedora, a vários níveis. A IASJ conta com escolas de vários países, tais como Argentina, Brasil, Croácia, Estónia, Finlândia, Israel, Japão, Portugal, Espanha, EUA, Canadá, entre outros, e o seu principal objectivo é a interacção dessas várias escolas de maneira a uniformizar/debater as várias formas de ensino do Jazz pelo mundo, além de todo o convívio musical inerente e que se vive constantemente. O encontro durou uma semana, intensiva, e cheia de música de manhã à noite, contando com excelentes músicos dos vários países. Houve lugar para as mais variadas palestras, todas as manhãs, com convidados de topo, *workshops/masterclasses* dos vários instrumentos, aulas de combo, e à noite havia *jam sessions* espalhadas pelos vários bares da cidade. A semana culminou com uma apresentação dos vários combos e do seu trabalho desenvolvido ao longo da semana, numa sala lindíssima, Mumuth. O combo em que toquei era composto por bateria, contrabaixo, piano, guitarra, voz, trompete, saxofone e trombone, com alunos de Israel, EUA, Áustria, Estónia, França e Finlândia, e apresentámos temas originais que fomos montando ao longo da semana. Foi uma experiência muito enriquecedora.

O encontro durou uma semana, intensiva, e cheia de música de manhã à noite, contando com excelentes músicos dos vários países.

NEWPARK MUSIC CENTRE

ESTUDAR EM DUBLIN

por **Filipa Quintino**

ESTOU EM DUBLIN, há três meses, e gosto de cá viver. Fui muito bem acolhida, tanto na escola como na comunidade em que vivo. Os irlandeses são pessoas muito simpáticas e prestáveis. A zona onde vivo, em Blackrock, situa-se a cerca de 10-15 minutos a pé de um dos pólos da Newpark Music Centre, que é onde temos grande parte das aulas; o outro pólo é em Glasthule, mais perto da costa marítima e de Dun Laoghaire (centro cultural e comercial mais a sul da cidade de Dublin). Este pólo fica a cerca de 30 minutos do pólo de Blackrock apanhando o comboio (DART).

A minha turma, pelo que me disseram, é a que tem mais alunos desde que o curso abriu (somos cerca de 30 alunos). Os meus colegas são trabalhadores, amigos e altruístas (partilham o que têm).

Os professores são muito bons. Gosto especialmente da minha professora de voz, Sarah Buechi, que está aberta a trabalhar o que trazemos para a aula, mas também nos dá novos objectivos, tanto técnicos como interpretativos.

Gosto de todas as disciplinas e vejo a importância de todas elas no meu percurso musical. Em disciplinas como *Arranging*, tenho aprendido algumas técnicas de arranjo que desconhecia, mas os professores estão abertos a revê-las. Tal como eu, entraram mais dois alunos para o terceiro ano, vindos do Brasil e do Japão, de escolas que também têm protocolo com a Newpark. Penso que estas escolas já têm o protocolo há mais anos (pelo menos a do Brasil). Percebo que têm um percurso académico mais semelhante.

A Escola tem muita vida. Durante a manhã, são as aulas de *Full-time* e é possível marcar salas para estudar. À tarde, é mais complicado marcar devido às aulas de *Part-time*.

No Verão, é de dia até muito tarde e, no Inverno, escurece muito cedo e tem-se mais vontade de estar recolhido em casa. Embora faça muito frio, todas as segundas-feiras há o *Students Club* numa sala de um bar onde vão tocar diversos grupos de alunos e que, depois, abre com *jam sessions* onde os professores se juntam aos alunos para tocar.

(DES)CONSTRUINDO SOLOS

por **Óscar Graça**

Uma das melhores aulas que tive até hoje aconteceu algures no Outono de 2005, em Boston. Na Berklee College of Music leccionava um professor, de seu nome Ed Tomassi, uma disciplina com o pomposo nome de "Harmonic Considerations for Improvisation I".

Essa cadeira incluía alguns dos mais fabulosos momentos de derretimento de neurónios dentro do ensino superior de música mundial — desde incontáveis abordagens às "escalas" de bebop até um infindável número de substituições harmónicas utilizando a escala aumentada simétrica. No final, o *Stella by Starlight* havia rodado todas as re-harmonizações e as superimposições possíveis deste mundo e do próximo. [Um abatido fantasma de Victor Young se abatia sobre nós ao passar de cada aula.]

Confesso que o atrito do bloco de notas se tornava penoso a partir do primeiro minuto de aula, e essas folhas jazem desde aí num arquivo para ser aberto quando o(s) neurónio(s) cicatrizarem. Não obstante, a tendinite do apontamento só surgiu à segunda aula. Porque a primeira foi arrebatora e deliciosamente diabólica — uma óbvia mas muitas vezes ignorada narrativa entre os primórdios do jazz com o domínio da sua forma/musa predilecta — o *blues* — e a improvisação dentro do contexto de *swing*... [Lester Young a ascender!]

Para respirar da abstracção de escalas e afins — e de tempos a tempos era solicitada a transcrição de um solo com a sua *performance* na aula —, voltava-se à música. Já para finalizar o semestre, o pedido passou a ser a escrita de um solo... E aí a parada subiu! Nessa tal (grande!) aula de preparação desmitificou-se a construção de um solo e ferramentas de análise menos tradicionais viram luz.

A típica análise melódica que envolve maioritariamente a relação das notas com a harmonia e vai revelando cromatismos, escalas de substituição, figuras melódicas, desenvolvimento de motivos e outros, é muito importante mas é um de muitos níveis de análise. O que nos faz interessar mais por um solo que por outro não nos é dado somente pela análise melódica mas sim, em grande parte, pela sua construção global relativamente a outros parâmetros, muitos sobejamente conhecidos — dinâmica, registo, amplitude de registo, densidade rítmica, proximidade harmónica — e outros mais "ocultos" — tipo de discurso, simetria de fraseado. Todos estes parâmetros entram em jogo num solo e desenvolvem algo a que se pode chamar envolvente ou contorno (de uma dialéctica, talvez) entre os dois pólos desse parâmetro.

Um solo pode variar e ser construído com recurso a vários graus de dinâmica (do piano ao forte), de registo (do grave ao agudo), de amplitude de registo (do registo curto, p. ex. uma 5.ª, ao registo largo, p. ex. duas 8.as) e de proximidade harmónica (do "dentro" ao "fora"). [Relativamente ao último, escolhi o termo "proximidade harmónica" para não recorrer ao típico "tocar fora/tocar dentro" significando improvisar menos ou mais diatonicamente em relação à escala-acorde do momento. No entanto, é um termo que está longe de se tornar definitivo e, logo, bastante discutível.] A densidade rítmica pode variar entre muitas "notas" e muito "espaço".

Quanto aos parâmetros menos conhecidos, a simetria de fraseado (termo que está ainda mais longe de solidificar) pode desenrolar-se entre frases cujo tamanho e localização são mais "quadradas" (e frequentemente espelham o fraseado original do tema) ou menos (p. ex. frases que cruzam as quadraturas ou frases com deslocamento rítmico — normalmente associadas a solistas da escola de Tristano).

Por último, o tipo de discurso está relacionado com a origem do material musical, se há desenvolvimento motívico ou se há débito contínuo de notas. Isto é, se há um enfoque na repetição e transfiguração de uma ideia musical ou uma preocupação em incluir constantemente ideia novas.

O desenho destes diversos parâmetros ao longo do solo é tendencialmente a subida para um estado de tensão máxima e consequente relaxe — típico contorno dramático. A análise de solos com recurso a estas ferramentas pode permitir, além de uma melhor compreensão da sua construção, revelar solos que tenham desenvolvimentos menos típicos. E aplicar diferentes contornos de cada parâmetro — incluindo a não variação do(s) mesmo(s) — no estudo individual é indubitavelmente um desafio que permitirá elencar novas formas de abordar a improvisação e, em última análise, desfazer o tabu que é muitas vezes a construção de um solo.

CONCERTO POR INSTRU-MENTO

Continuamos a trabalhar para melhorar a nossa Escola, apetrechá-la com os melhores meios possíveis, ultrapassando as dificuldades que se apresentam. O projecto* Concerto por Instru-mento *é o fruto desse trabalho.

Fotografia de
Luís Eduardo Neves

—

CRÓNICA POR CON-CERTO

CONCERTO POR INSTRUMENTO é uma iniciativa do Hot Clube, através da qual grupos de alunos da escola actuam a troco de material (instrumentos, amplificadores, afinações de pianos, etc).
Para além da vantagem óbvia que esta inciativa traz para a escola, permitindo-lhe adquirir material, o que de outra forma implicaria um enorme investimento, traz também vantagens para os alunos que tocam nestes concertos.
Enquanto futuros músicos, o que todos queremos é tocar. Tocar bem. Mas não se aprende a tocar apenas passando horas a estudar sozinho numa sala. Grande parte da aprendizagem faz-se, efectivamente, tocando. Dando concertos, habituando-nos a tocar para uma sala cheia de pessoas, sem nervosismo, muitas vezes sem possibilidade de ter ensaiado, eventualmente com pessoas com quem tocámos poucas ou nenhumas vezes anteriormente. Tudo isto contribui para nos tornarmos músicos competentes e para nos habituarmos ao dia-a-dia da vida que queremos vir a ter.
Para além disso, os concertos por instrumento são também uma boa maneira de criar contactos, já que por vezes acontece estar alguém na audiência que se interessa pela música que está a ser tocada e que gostaria de ter aquele grupo a tocar noutra ocasião.
Em suma, os concertos por instrumento são a melhor forma para começarmos efectivamente a dar concertos, e de nos habituarmos a fazê-lo de forma profissional e competente. Para além de que é toda uma honra tocar em representação da escola.

Vicente Valentim

ENTIDADES QUE APOIAM ESTE EVENTO

O ATELIER DE INICIA-ÇÃO AO JAZZ DA ESCOLA DO HCP

por **Gonçalo Marques**

REALIZOU-SE NO PASSADO dia 30 de Janeiro o concerto final do 1.º semestre do ano lectivo de 2012/2013 do Atelier de Iniciação ao Jazz. O concerto consistiu na apresentação de 3 combos (da responsabilidade dos professores André Santos, Margarida Campelo e Francisco Brito) e de um quarteto de saxofones (em boa verdade, 3 saxofones + 2 clarinetes) da responsabilidade do prof. César Cardoso. Esta talvez seja uma boa oportunidade para explicar como funciona o atelier, quais os seus objectivos e fazer um pequeno balanço dos seus 2 anos e meio de existência.

O aumento de cursos, de festivais e de músicos dedicados ao jazz em Portugal mostra inequivocamente a expansão deste género musical nos últimos 10-20 anos no nosso país. Uma das consequencias desta crescente visibilidade do jazz tem sido o interesse cada vez maior que os mais novos têm demonstrado por este estilo musical. Eu tenho tido oportunidade de verificar isto mesmo, primeiro na iniciativa "O jazz vai à escola", de José Menezes — inicialmente na zona de Torres Vedras e, depois, na Fundação Calouste Gulbenkian —, nas várias edições do Férias com Jazz (integrado no Lisbon Jazz Summer School, dirigido pela Alexandra Ávila e pelo João Godinho) no CCB e, finalmente, nos vários *workshops* de Verão que a escola do Hot tem efectuado nos últimos anos. Neste momento existe mesmo uma orquestra de Jazz para jovens, a Big Band Júnior, que se encontra na 3.ª temporada (e resulta de uma parceria do Hot Clube com o CCB).
É neste contexto que fui desafiado pelo director da Escola do Hot (Bruno Santos) a criar o Atelier de iniciação ao Jazz. O atelier iniciou a sua actividade em Outubro de 2010 com cerca de 10 alunos, um combo e uma turma de teoria. Neste momento tem cerca de 20 alunos, 3 combos e 2 duas turmas de teoria. A ideia original era a de proporcionar um ensino da música que fosse naturalmente virado para o jazz e que funcionasse como uma alternativa ao ensino tradicional "clássico". Queríamos um curso essencialmente prático onde, desde cedo, se desenvolvesse o ouvido e se privilegiasse a prática em relação à teoria. Pretendíamos aceitar todas as crianças a partir dos 10-11 anos (mesmo com pouca ou, mesmo, nenhuma experiência prévia musical), e conseguir que, ao fim de um semestre, fossem capazes de tocar um tema em conjunto. Na prática torna-se difícil conseguir atingir estes objectivos em todos os instrumentos, por isso, para alguns intrumentos de aprendizagem inicial mais difícil, aconselhamos os alunos a estudarem um pouco da técnica do instrumento antes de virem para o atelier. Mas é de facto possível alcançar estes objectivos em muitos dos instrumentos típicos do jazz, como o baixo, a bateria, a guitarra, o piano, a voz, o saxofone, etc.
O atelier funciona uma vez por semana e tem 3 disciplinas: Teoria (30 min), Instrumento (60 min) e Combo (60 min). Neste momento a disciplina de Teoria tem 2 níveis que pretendem proporcionar uma primeira aprendizagem de Solfejo, de Treino Auditivo e até de História do Jazz, recorrendo a muitos exercícios, jogos, audição de temas seleccionados, etc. A disciplina de Instrumento proporciona um ensino da técnica do instrumento virada para a prática do jazz. Finalmente, a disciplina de Combo, é a disciplina nuclear onde se ensinam temas do jazz, onde se dão os primeiros passos na improvisação e onde se aprende o papel de cada um dos instrumentos dentro de um grupo de jazz. O atelier conta com um conjunto de professores constituído maioritáriamente por recém-licenciados da Escola Superior de Música. São excelentes professores, muito dedicados, que conseguem, de um modo geral, estabelecer boas relações com os alunos. Este é um ponto importante porque num tempo de *playstations*, *facebooks* e múltiplas outras solicitações a que os jovens estão permanentemente sujeitos, conseguir manter a motivação dos nossos alunos é, de facto, um desafio difícil.

OIÇAM LÁ ISTO

AS ESCOLHAS DE...

César Cardoso

HANK MOBLEY "SOUL STATION"
BLUE NOTE RECORDS 1960
Hank Mobley (sax)
Art Blakey (bat)
Wynton Kelly (pno)
Paul Chambers (ctbx)

Foi o primeiro disco de jazz que comprei e que me marcou e o qual transcrevi praticamente por completo.

MILES DAVIS
"MY FUNNY VALENTINE"
COLUMBIA 1964
Miles Davis (trp)

Sem dúvida que para mim é o melhor disco de jazz de todos os tempos. Intemporal e sempre "fresco", cada vez que volto a ouvi-lo.

JOE HENDERSON
"LUSH LIFE: MUSIC OF BILLY STRAYHORN"
VERVE 1982
Joe Henderson (sax tenor)
Wynton Marsalis (trp)
Christian McBride (ctbx)
Stephen Scott (pno)

Um dos melhores saxofonistas, para mim, pela sua capacidade criativa, de *groove* e balanço. Sempre em grande nível ao longo de toda a carreira.

CHRIS CHEEK "I WISH I KNEW"
FRESH SOUND RECORDS 1997
Chris Cheek (sax tenor)
Kurt Rosenwinkel (gtr)
Chris Higgins (ctbx)
Jorge Rossy (bat)

Um disco que, apesar de relativamente recente, já faz parte da história do jazz. Um som inconfundível e uma maneira de tocar que influenciou muitos dos saxofonistas actuais.

MARK TURNER
"IN THIS WORLD "
WARNER BROS 1998
Mark Turner (sax tenor)
Brad Mehldau (pno)
Brian Blade (bat)
Kurt Rosenwinkel (gtr)

Para mim, trata-se do melhor saxofonista de jazz em todos os aspectos, técnica, registo, perfeição. À semelhança do Chris Cheek, é um saxofonista que influenciou todos os outros que vieram depois dele.

MARK TURNER
"DHARMA DAYS "
WARNER BROS 2001
Mark Turner (sax tenor)
Kurt Rosenwinkel (gtr)
Reid Anderson (ctbx)
Nasheet Waits (bat)

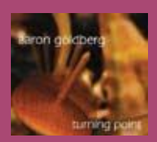
Este disco foi um dos que mais me surpreenderam. Ouvi-o há alguns anos e não consegui compreender nada do que acontecia. Anos mais tarde voltei a escutá-lo e a transcrever tudo. Um disco muito moderno e com um quarteto de músicos incrível.

PERICO SAMBEAT
"PERICO"
LOLA RECORDS 2001
Perico Sambeat (sax)
Bernardo Sassetti (pno)
Javier Colina (ctbx)
Marc Miralta (bat)

Um disco incrível daquele que é, para mim, o melhor saxofonista alto actual.

KURT ROSENWINKEL
"THE REMEDY: LIVE AT THE VILLAGE VANGUARD"
WOMMUSIC 2006
Kurt Rosenwinkel (gtr)
Aaron Goldberg (pno)
Eric Harland (bat)
Mark Turner (sax tenor)
Joe Martin (ctbx)

Este disco é ao vivo e junta 5 dos melhores músicos actuais. Um quinteto de luxo, sem dúvida.



AARON GOLDBERG
"TURNING POINT"
1998
Aaron Goldberg (pno, Fender Rhodes)
Joshua Redman (sax tenor)
Mark Turner (sax tenor)
Reuben Rogers (ctbx)

Mais um disco que adoro e que conta com alguns dos melhores músicos do panorama jazzístico mundial.

POST-IT

MEMÓRIAS DO HCP

Por **Inês Cunha**

Em 1973, a organização do Festival de Cascais promoveu um concurso de cartazes.
Na nota introdutória do programa diz-se que: "Este ano, com os concursos de posters e fotografias, que, a par da 'pintura influenciada pelo jazz', estiveram expostos na Sociedade de Belas-Artes, desde 9 de Outubro, procurámos alargar o campo das actividades relacionadas com o festival."

No núcleo museológico do Hot existem alguns dos cartazes enviados. Não sabemos quem ganhou o concurso, nem se o cartaz que foi escolhido seria um dos concorrentes. No entanto, o cartaz aqui apresentado, e que integra a exposição "Prelúdio para um Museu", esteve a concurso e está assinado pelo **Julião Sarmento**, um dos grandes pintores contemporâneos portugueses.

JAZZ
HOTCLUBPORTUGAL

2 SESSÕES ÀS 23H E 00H30
ABERTO DAS 22H ÀS 2H
FECHADO DOMINGOS E SEGUNDAS

PRAÇA DA ALEGRIA, 48 1250-004 LISBOA /
ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS 213 619 740
WWW.HOTCLUBEDEPORTUGAL.ORG
HCP@HOTCLUBEDEPORTUGAL.ORG

FEV

21 . 22 . QUINTA E SEXTA
TAF - ANTÓNIO FERRO TRIO

23 . SÁBADO
MARCO VON ORELLI 5 (Suíça)

26 . TERÇA
JOSÉ DIAS QUARTETO
(lançamento de CD)

27 . QUARTA
ORQUESTRA DE JAZZ DO HCP

28 . QUINTA
KARI IKONEN TRIO (Finlândia)

MAR

1 . 2 . SEXTA E SÁBADO
KARI IKONEN TRIO (Finlândia)

7 . 8 . 9 . QUINTA A SÁBADO
ROMAIN PILON TRIO
(França/Portugal)

14 . 15 . QUINTA E SEXTA
MIKADO LAB TRIO + CHRIS
SPEED (Portugal/EUA)

21 . 22 . QUINTA E SEXTA
L.A. NEW MAINSTREAM
(lançamento de CD)

23 . SÁBADO
FRANCISCO PAIS QUARTET

27 . QUARTA
ORQUESTRA DE JAZZ DO HCP

28 . 29 . 30 . QUINTA A SÁBADO
JULIAN ARGÜELLES QUARTET
(RU/Portugal)

TERÇAS E QUARTAS
> A PARTIR DAS 22H30
JAM SESSIONS